

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE OS DESAFIOS NO APRENDIZADO E ENSINO COM DISCENTES E DOCENTES DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA UEMASUL

*EMERGENCY REMOTE TEACHING: A COMPARATIVE STUDY ON THE CHALLENGES IN
LEARNING AND TEACHING WITH STUDENTS AND TEACHERS OF THE ADMINISTRATION
COURSE AT UEMASUL*

Lucy Sousa PEREIRA

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Uemasul
sousaluccy@hotmail.com

Diêgna da Cruz SILVA

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Uemasul
diegna.silva@uemasul.edu.br

Nayara Silva dos SANTOS

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Uemasul
nayara.santos@uemasul.edu.br

Aprovado em 06/2024

Resumo

O Ensino Remoto Emergencial, foi implantado em muitas instituições como uma estratégia para viabilizar a continuidade dos estudos, seguindo o distanciamento preconizado em meio a pandemia de coronavírus. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo geral realizar um estudo comparativo no que tange aos desafios encontrados no Ensino Remoto Emergencial. Para tal, foi feita uma pesquisa qualitativa de finalidade exploratório-descritiva, com os discentes e docentes do curso de Administração da UEMASUL, campus Açailândia - MA. Para a fundamentação teórica, foi realizado um levantamento bibliográfico, tendo como base artigos científicos, livros, sites e outras fontes online de informações. A coleta de dados aconteceu de forma online por meio de questionários, cada um com 10 perguntas, enviados para os alvos através do Whatsapp. Os resultados mostram que tanto os docentes quanto discentes, enfrentaram desafios no modelo implantado. Dentre os principais obstáculos que a pesquisa evidenciou estão: acesso a equipamentos eletrônicos, a falta de infraestrutura em casa para acomodar todo processo de ensino, problemas com a conexão, questões de saúde, falta de interação presencial com o professor, dificuldade de organização do tempo de estudo, as metodologias utilizadas. Se por um lado os problemas revelam as desigualdades existentes no contexto socioeconômico, por outro revela que uma educação ainda enraizada no modelo tradicional de ensino, no qual o professor conduz todo o processo de ensino aprendizagem por meio de aulas expositivas.

Palavras-Chave: Ensino Remoto Emergencial. Trabalho remoto. Desafios. Docentes. Discentes.

ABSTRACT

The Emergency Remote Teaching was implanted in many institutions as a strategy to maintain the continuity of studies, following the pre-configured distance, amid the coronavirus pandemic. Therefore, the present work has as general objective to carry out a comparative study between the challenges encountered in Emergency Remote Teaching. To this end, a qualitative-quantitative research was carried out with an exploratory-descriptive purpose, with students and professors of the Administration course at UEMASUL, Açailândia - MA campus. For theoretical grounding, a bibliographic survey was prepared, based on scientific articles, websites and other online sources of information. Data collection took place online through questionnaires applied to professor and students, each on with 10 questions, sent through Whatsapp. The results show that both teachers and students faced challenges in the implanted model. Among the main obstacles that the research highlighted are: access to electronic equipment, lack of infrastructure at home to accommodate the entire teaching process, problems with connection, health issues, lack of face-to-face interaction with the teacher, difficulty in organizing study time and the methodologies used. If, on the one hand, the problems reveal the existing inequalities in the socioeconomic context, on the other, it reveals an education is still rooted in the traditional teaching model, in which the teacher conducts the entire teaching-learning process through expository classes.

Key-words: *Emergency Remote Teaching. Remote work. Challenges. Teachers. Students.*

<http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rea>

1 INTRODUÇÃO

Organização Mundial da Saúde (OMS), anuncia em janeiro de 2020, o surto da doença respiratória ocasionada pelo COVID-19. A rápida proliferação do vírus – ocasionando em uma pandemia – e o número crescente de mortos, foram adotadas medidas preventivas para reduzir a transmissão do vírus SARS-CoV-2 (Coronavírus).

A implementação do isolamento e distanciamento social são exemplos de medidas tomadas. De acordo com Hwang et al. (2020), no artigo “Loneliness and social isolation during the COVID-19 pandemic”, o isolamento social – como o próprio nome já diz – é o isolamento de algum indivíduo do restante da sociedade, aplicado para aqueles que foram expostos ou estão infectados com coronavírus; enquanto que o distanciamento social foi imposto entre a população em geral para reduzir a circulação de pessoas em locais públicos e privados. Em decorrência desse novo cenário – que afetou não somente a saúde e a economia, mas também a educação –, os centros de ensino viram a necessidade de adaptar o método presencial para o virtual. Ou seja, recorrer ao Ensino Remoto Emergencial para poder dar continuidade ao ano letivo, uma ação temporária devido às circunstâncias atuais.

Diferente do Ensino à Distância (EAD), que é algo planejado e preparado contando com uma série de recursos e diferentes plataformas digitais (HODGES, 2020), o ensino

remoto surgiu como uma solução rápida em um momento de crise, pois muitas instituições não estavam preparadas para esse cenário, sendo pegadas de surpresa e obrigadas a adotar esse modelo. Essa realidade trouxe complexidades, reflexões e estresse aos profissionais da área e gestores (DOS SANTOS, DOS REIS, 2021). Os docentes, se viram diante de um grande desafio em sua tarefa de educar, devido às desigualdades do acesso ao ensino remoto (COSTA et al, 2020). Além da necessidade de adequar suas atividades a uma modalidade que não estavam preparados. E, segundo Vieira et al. (2020) os discentes que até então estavam acostumados com o ensino presencial, se depararam com o seguinte problema: o aprendizado baseado em atividades remotas, exigindo maior autonomia.

Diante disso, o presente estudo visa abordar o seguinte problema: Quais são os desafios enfrentados pelos docentes e discentes do curso de Administração Bacharelado da UEMASUL/Campus Açailândia - MA no Ensino Remoto Emergencial?

Quanto ao delineamento, a metodologia utilizada nesta pesquisa tem abordagem quali-quantitativa com finalidade exploratório-descritiva e utilizou como procedimentos a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso. E para a coleta de dados foi aplicado dois questionários (um para os discentes, outro para os docentes) de forma online com dez perguntas cada, abordando sobre os desafios do Ensino Remoto Emergencial e, por meio do resultado, se buscou trazer um melhor entendimento em relação ao objeto de estudo.

O trabalho teve como base teórica citações recentes, visto que o assunto é novo. Este estudo possui um conteúdo de extrema relevância, pois a pandemia trouxe uma nova realidade que certamente transformou a educação como um todo e, em um mundo pós-coronavírus, dificilmente as atividades pedagógicas irão ser realizadas da mesma forma que eram até 2020. Além disso, o presente trabalho tem como intuito contribuir para o arcabouço teórico de estudos futuros devido a esse novo papel das tecnologias digitais na educação.

2 O CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19

Em dezembro de 2019, em Wuhan na China, foi identificada a transmissão de uma nova doença: a COVID-19. Essa doença é causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2) e apresenta um espectro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros graves (BRASIL, 2020), com uma alta taxa de transmissão. Assim, em pouco tempo, o vírus se alastrou pelo mundo. Conforme Silveira, Piccirelli e Oliveira (2020), em janeiro de 2020 havia mais de 700 casos confirmados na China e a doença já tinha se espalhado por mais de 18 países, dentre eles: Japão, Estados Unidos, Alemanha e França.

A rapidez no contágio fez com que, em 11 de março de 2020, a OMS declarasse a COVID-19 como pandemia (BBC, 2020). No Brasil, o primeiro caso confirmado foi em 26 de fevereiro de 2020 - um idoso que tinha viajado à Itália - e, após isso, a doença se propagou rapidamente. Diante disso, em 20 de março de 2020 foi reconhecido pelo Ministério da Saúde que a COVID-19 havia sido transmitida em todo o território nacional (BRASIL, 2020). Essa aceleração da expansão da infecção é explicada em razão do fácil

contágio, no qual é através de gotículas respiratórias, do contato direto ou objetos e de superfícies contaminadas.

Para contenção – visto que até então não havia uma vacina ou um tratamento eficiente - diversos países adotaram como estratégia o isolamento social vertical e horizontal, fora o distanciamento social e quarentena. Diante dessa nova realidade, na qual os indivíduos precisariam se afastar de multidões e permanecerem – se possível – em casa, usando e combinando as medidas preventivas já mencionadas, em 17 de março de 2020 foi autorizada a substituição das aulas presenciais por remotas.

Assim, é visto que a COVID-19 não trouxe impactos somente na saúde e no ponto de vista social ou econômico, mas também na educação. Conforme Senhoras (2020), a pandemia afetou a vida tanto de professores quanto de estudantes e, além disso, as assimetrias educacionais pré-existentes tenderam a se acentuar ou pelo despreparo em se ter uma educação remota, ou pela falta de acessibilidade infraestrutura e individual a essa modalidade. Dessa forma, são os inúmeros desafios enfrentados para que o ensino e a aprendizagem não sejam interrompidos.

Atualmente, em 2021, já existem vacinas para a COVID-19, inclusive, o Brasil recebeu lotes do exterior da vacina Coronavac – aprovada para uso emergencial -, AstraZeneca e Pfizer. Mas, embora se tenha agora um meio de imunização, a luta contra a COVID-19 não chegou ao fim. Um momento de muita tensão e que exige ainda, infelizmente, cuidados. Sendo importante destacar isso, visto que é por causa dessas vidas perdidas e da preservação das demais vidas que a emergencialidade do ensino remoto é uma realidade vivenciada e que deve ser discutida.

3 ENSINO À DISTÂNCIA E ENSINO EMERGENCIAL

O Ensino à Distância (EAD) é um processo de ensino-aprendizagem mediado por alguma tecnologia. Contudo, é importante frisar que essa forma de educação possui uma realidade totalmente diferente do Ensino Remoto Emergencial (ERE) já mencionado. Para entender melhor essas diferenças, é essencial, primeiramente, contextualizar e entender melhor o que é ensino à distância.

O Decreto nº 9.057 – de 25 de maio de 2017 – define EAD como:

Art. 1º. Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.

No Brasil, esta modalidade de ensino passou a ter respaldo legal com a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Na qual, o

Art. 80 alega que o poder público será responsável pelo incentivo e o desenvolvimento de programas de EAD em todos os níveis e modalidades de ensino. Este artigo, atualmente, é regulamentado pelo Decreto nº 9.057 de 25 de maio de 2017.

Desde então, o ensino à distância no país tem crescido exponencialmente. De acordo com dados do Censo da Educação Superior 2019, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), é visto um levantamento do número de ingressos em cursos de graduação entre 2009 e 2019, no qual deixa em evidência o aumento substancial do EAD. A participação no total de ingressantes saltou de 16,1% em 2009 para 43,8% em 2019. Fora que se observou uma diminuição, a partir de 2015, do número de ingressos nos cursos de graduação presenciais para 14,3%.

Segundo a última edição do Censo EAD.BR (2019-2020) disponibilizado pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), os motivos da ampliação do ensino em questão é por ser “acessível dos pontos de vista social, financeiro, pessoal, familiar e geográfico”. Essa acessibilidade é dada à expansão do acesso à internet. Assim, é visto que a Educação à Distância é um programa complexo, com teorias, normas e práticas próprias, exigindo uma infraestrutura adequada e uma equipe de professores e instrutores preparados para esse tipo de ambiente (DE SOUZA et al., 2020). O que é totalmente contrário ao que ocorreu com o Ensino Remoto Emergencial.

Por meio da Portaria n.º 343 de 17 de março de 2020, foi autorizada a substituição das aulas presenciais por aulas remotas pelo Ministério da Educação (MEC), sendo responsabilidade da instituição a disponibilização de ferramentas que permitam com que o aluno consiga acompanhar essas mudanças (BRASIL, 2020). Assim, diante desse cenário incomum, foi/é visto inúmeros desafios para as instituições de ensino superior (IES) no país.

Uma vez que o Brasil tem realidades diferentes e muitas desigualdades, não podendo adotar uma visão homogênea. Com isso, se observa que nem todas IES possuíam/possuem infraestrutura, recursos financeiros e materiais para aportar as aulas remotas, fora as condições de acesso tanto de alunos quanto de educadores, ocorrendo, assim, a implantação de um Ensino Remoto Emergencial mal estruturado (GUSSO et al., 2020).

De modo que dificuldades e barreiras já encontradas na educação brasileira apenas se intensificaram ainda mais nesse “novo normal”. No que se refere aos estudantes, de acordo com o censo do PNAD (BRASIL, 2019), em uma pesquisa feita no quarto trimestre de 2019, é observado que cerca de 39,8 milhões de pessoas – 21,7% dos indivíduos de 10 anos ou mais de idade – não utilizavam a internet. A investigação foi separada em dois grupos: estudantes e não estudantes; na qual, no que se dizem respeito aos discentes, os motivos que tiveram maior destaque sobre não utilizarem a internet foram financeiros.

Dessa forma, os estudantes que fazem parte das estatísticas “sem acesso à internet” acabam sendo prejudicados na dinâmica do ERE. Pois, segundo Coqueiro e Sousa (2021), se estes não conseguem acessar o material, logo o aprendizado será afetado e terá uma desvantagem em relação aos que possuem acesso à internet – produzindo, assim, um abismo social - resultando em desmotivação e, por fim, o abandono.

Ademais, a PNAD destaca que em relação aos equipamentos utilizados para acessar a internet em 2019 na condição de estudante, notou-se que o celular foi o principal equipamento utilizado para acessar a internet tanto na rede pública quanto na privada. Segundo Cunha, Silva e Silva (p. 33, 2020), a ausência de um computador pode impedir um bom desempenho do aluno nesta forma de ensino, o que gera preocupação, posto que somente 43% dos estudantes de rede pública – conforme o PNAD (2019) – possui computador.

E ainda que o celular seja o equipamento mais utilizado tanto na rede pública quanto na privada, os mesmos autores (p.33, 2020) apontam que há certas aplicações que possuem um funcionamento melhor ou são compatíveis no computador, enquanto que no telefone móvel celular ocorre o contrário. Ou seja, se o indivíduo não possuir um aparelho celular que comporte com eficiência e eficácia os aplicativos, navegadores ou plataformas exigidas durante o Ensino Remoto, este será prejudicado. Outro desafio é em relação aos limites para a apreensão do conteúdo, visto que, de acordo com De Souza e Miranda (p. 83, 2020), há um maior suporte e contato direto com o professor nas aulas presenciais.

Ainda mais se levar em conta que a autonomia é uma característica do aprendizado à distância. Uma vez que, conforme Coqueiro e Sousa (p.6, 2021), o aluno possui uma liberdade na organização do seu tempo de estudo, podendo organizar de acordo com a disponibilidade de seus horários, e deve ter a responsabilidade em buscar orientação do docente. Dessa forma, exigindo um maior comprometimento.

No entanto, Santos e Zaboroski (p.47, 2020) afirmam que muito discentes possuem essa dificuldade em disciplina e autonomia, somada com a falta de um ambiente propício em casa para um bom estudo – uma vez que isto atrapalha na concentração e na assimilação do conteúdo - ou a falta de alguém que possa auxiliar. No ambiente educacional se deve ter uma relação de colaboração e interação social entre professor-aluno e aluno-aluno, e o estudante sente falta disso, pois, é um fator que acaba sendo limitado no ERE.

Além disso, há a questão psicológica nesse contexto de ensino-aprendizagem durante a pandemia. O isolamento e distanciamento social apesar de serem medidas importantes de segurança, Chen et al. (p. 104, 2020) abordam que estadias prolongadas em casa podem contribuir para a ansiedade e depressão. Fora que as notícias ruins ocasionadas pela COVID-19 geram medo e angústia, afetando diretamente na saúde mental dos indivíduos. E um estudante com o psicológico abalado, dificilmente conseguirá ter um aproveitamento ideal das aulas.

E em relação aos docentes, também inúmeros desafios são enfrentados. Após a implantação do ERE, professores foram submetidos a algumas questões desencadeadas pelo trabalho remoto, isto é, a certas condições e mudanças implicadas pela nova forma de trabalho. Como, por exemplo, conflitos em tentar equilibrar a vida familiar com o trabalho, já que não há um limite claro entre estes dois no home office, carga excessiva de trabalho (COSTA, 2013), isolamento social, provocando limitação em experiência profissional e social (HISLOP et al., 2015), dificuldades quanto à utilização das tecnologias e problemas técnicos, aumento de despesas domésticas como energia elétrica e consumo de internet (FIRMO, p. 1, 2020), falta de infraestrutura necessária para o home office, podendo ocasionar lesões e dores na coluna (DA SILVA, MOREIRA,

p. 5, 2020; TENÓRIO, p. 101, 2021) e impactos na saúde mental (KOZYREFF, BEGA, p. 158, 2020).

Apesar dos desafios encontrados no trabalho remoto, há vantagens em se trabalhar à distância. Rafalski e Andrade (p. 435, 2015) e Dos Santos et al. (p. 102, 2021) citam como benefícios a otimização do tempo e flexibilização no horário, aumento da produtividade, fora a diminuição de deslocamentos e do estresse causado pelo trânsito, custos que se poderia ter com transporte, combustível ou estacionamento e uma melhor qualidade de vida.

De qualquer forma, independente do formato, o papel do docente continua sendo de suma importância para o ensino-aprendizado, que deve sempre trabalhar em cooperatividade com o discente. Diante disso, com o intuito de fazer com que as aulas remotas sejam produtivas, professores precisam segurar a mão da criatividade para a formação de recursos audiovisuais que sirvam de motivação na aprendizagem e mantenham a atenção dos discentes. O aluno não é apenas uma figura passiva de informações, mas sim um agente ativo, e, isso deve manter no ERE também – mais do que nunca.

4 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi usada uma abordagem quali-quantitativa, pois os dados qualitativos dão um significado maior para os dados numéricos e vice-versa. Além disso, com uma finalidade descritiva por adotar “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno” (GIL, p. 46, 1991) e exploratória por buscar “conhecer as características de um fenômeno para procurar explicações das causas e consequências de dito fenômeno” (RICHARDSON, p. 281, 1989).

E com o objetivo de aliar a teoria à realidade, foi feito um estudo de caso com os discentes e docentes do curso de Administração da UEMASUL/Campus Açaíândia - MA sobre os novos desafios do aprendizado nesse aspecto remoto.

O universo desta pesquisa é composto pelos 130 discentes ativos e os 14 docentes ativos do curso. E para se chegar à amostra foi utilizada a calculadora SOLVIS, com um grau de confiança de 90%, que determinou o tamanho de no mínimo 89 discentes, enquanto que em relação aos docentes, por ser uma quantidade total relativamente pequena, ao realizar o cálculo, o tamanho da amostra foi de 14 pessoas.

Cada questionário online havia 10 perguntas objetivas sobre os desafios e dificuldades no aprendizado durante o ERE, sendo o início da aplicação no dia 13 de agosto de 2021 e o fim no dia 16 de agosto de 2021. Em relação aos discentes, se teve um total de 42 respostas, quanto aos docentes o total foi de 11 respostas. Infelizmente a aderência foi menor ao que foi especificado pelo cálculo da amostra, e isso pode ter acontecido devido ao questionário ter sido divulgado apenas online - em decorrência das medidas de distanciamento social.

4.1 Caracterização dos participantes

Na introdução de ambos os questionários buscou-se traçar de forma breve o perfil dos entrevistados, levantando questões de gênero, idade (para os discentes) e se exerce outra ocupação profissional (para os docentes), conforme tabela 1:

Tabela 1. Perfil dos entrevistados

Discentes		Docentes	
Gênero	78,6% feminino; 21,4% masculino;	Gênero	33,3% - Feminino 66,7% masculino
Faixa etária	81%- 18 e 24 anos; 2,4% na faixa de 32-39; 2,4% na faixa de 40-45;	Faixa etária	83,3%- De 26 a 35 anos, 16,7%- De 36 a 45 anos
Período no curso	31% cursam o 8º período; 23,8% cursam o 5º período; 11,9% cursam o 3º período; 19% cursam disciplinas em períodos diversos.	Exercício atividades profissionais	66,7% exercem outra ocupação profissional 33,3% não exercem outra ocupação profissional

Fonte: Elaboração própria, com dados da pesquisa.

Após o primeiro momento de buscar saber o perfil dos alunos, o questionário tomou buscou cumprir o objetivo principal que é entender as dificuldades e desafio da aprendizagem no ensino emergencial remoto.

5 DESAFIOS NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: UM COMPARATIVO ENTRE OS DISCENTES E DOCENTES

A Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, é a primeira Universidade Regional Maranhense. Foi instituída por meio da Lei Estadual n 10.525, de 03 de novembro de 2016, nos antigos Centros de Ensino Superiores de Imperatriz e de Açailândia. Como universidade assumiu a missão de promover o desenvolvimento regional, buscando garantir o ensino público, gratuito e de qualidade, colaborando com a modernização da gestão pública e desenvolvimento econômico e social da região (UEMASUL, 2020).

Em decorrência do contexto pandêmico, em agosto de 2020 foi aprovada, por unanimidade do Conselho Universitário a Resolução nº 108/2020- CONSUN/UEMASUL estabelecendo as diretrizes e normas para o ensino emergencial remoto e demais atividades de pesquisa, alterando o calendário para se adequar as novas circunstâncias (UEMASUL, 2020). Para cumprimento da carga horária total de cada componente as aulas forma dividida em momentos assíncronos e síncronos, mediados pelo uso da tecnologia e tiveram início em 14 de setembro ocorrendo até o presente momento. A presença física de alunos e professores nas salas de aulas foi substituída por uma relação

digital mediada por equipamentos eletrônicos, onde os alunos assistem às aulas em suas residências e os professores ensinam em suas casas.

Os discentes foram questionados quanto aos recursos tecnológicos utilizados, fatores que impactam negativamente em sua dedicação no estudo, sistemas de gestão de aprendizagem, metodologias utilizadas, e sobre desejo de continuar de forma remota, a tabela 2 apresenta o resultado questionário com os respectivos percentuais de resposta.

Tabela 2: Questionário Discente

QUESTIONÁRIO DISCENTE	
Pergunta	% de resposta
1. Quais recursos tecnológicos são utilizados para a realização do estudo? *	Smartphone – 92,9% Notebook – 78,6% Computador de Mesa – 9,5% Televisão – 4,8% Tablet – 2,4%
2. Quais fatores impactaram de forma negativa na sua dedicação ao ensino remoto emergencial? *	Adaptação – 57,1% Falta de um cômodo adequado – 52,4% Questão de acesso – 47,6% Trabalho doméstico – 31% Trabalho externo – 31% Questões de saúde mental – 28,6% Cuidado com algum familiar – 16,7% Dificuldade quanto à utilização de ferramentas digitais – 11,9% Outros problemas de saúde – 7,1%
3. Você utiliza o chip SIM CARD fornecido pelo governo do Maranhão?	Não utilizo – 66,7% Sim, a internet é boa – 23,8% Sim, mas a internet não é boa – 9,5%
4. Você se sente mais distante do professor nesse período de ensino remoto emergencial? E consegue esclarecer todas as suas dúvidas com os professores através das aulas remotas?	Sim, me sinto mais distante do professor, mas consigo esclarecer todas as dúvidas existentes – 47,6% Sim, me sinto mais distante do professor e também não consigo esclarecer todas as dúvidas existentes – 38,1% Não me sinto mais distante do professor e consigo esclarecer todas as dúvidas existentes – 11,9% Não me sinto mais distante do professor, mas não consigo esclarecer todas as dúvidas existentes – 2,4%
5. Sobre o conteúdo ministrado através das aulas remotas, você acredita estar absorvendo? *	Parcialmente o conteúdo – 90,5% Totalmente o conteúdo – 7,1% Não estou absorvendo o conteúdo – 2,4%
6. Na sua percepção pessoal, você acredita que aprende mais:*	Resolvendo exercícios – 78,6% Lendo – 59,5% Assistindo uma aula expositiva (síncrona) – 54,8% Vídeos – 45,2% Estudos de Casos – 45,2% Debatendo com colegas (fóruns) – 42,9% Assistindo aulas pré-gravadas – 14,3% Por meio de webgincanas ou aprendizagem baseada em jogos – 4,8% Uso de padlet – 0%
7. Você gostaria de continuar estudando remotamente após a pandemia?	Não – 66,7% Sim – 33,3%

Fonte: Elaboração própria, com dados da pesquisa.

*A questão permitia assinalar mais de uma opção.

No questionamento de quais recursos tecnológicos utilizados foi dada a possibilidade para os discentes entrevistados marcarem mais de uma opção. No geral é observado que 81% dos alunos entrevistados possuem outras opções, além do telefone celular, para acompanhar as aulas e desenvolver as atividades. Dessa forma, a atenção deve ser dada aos discentes que marcaram apenas a opção do smartphone (11,9%), uma vez que estes possuem somente esse equipamento para acessar as aulas remotas. Os dados revelam que o acesso à tecnologia é desigual, o uso exclusivamente por meio dos celulares limita atividades que os alunos podem desenvolver.

Questionados sobre os principais fatores que impactaram de forma negativa na dedicação ao ensino emergencial remoto (era possível marcar mais de um item como resposta) as repostas revelaram uma conjunção de fatores que mostram desde da adaptação ao novo formato, a falta de estrutura em casa, até a questões de saúde mental, dado o contexto vivido.

Do total de alunos participantes da pesquisa 57,1% apontaram que tiveram dificuldades em se adaptar ao Ensino Remoto Emergencial. O ensino remoto como solução temporária e estratégica, no contexto da Pandemia de Covid-19, proporcionar à comunidade acadêmica a possibilidade de manter as atividades de ensino, mas desafio todos os envolvidos a fazer de uma forma diferente. As aulas remotas exigem um maior comprometimento e autonomia dos indivíduos (COQUEIRO, SOUSA, 2021), exige domínio até certo ponto nível de tecnologia e ferramentas novas, além de perder o contato direto com aquele que media todo o processo, e com aqueles que compartilham os processos diariamente os colegas.

O segundo item que mais interferiu na dedicação, conforme os respondentes, foi a falta de um cômodo adequado, 52,4% dos entrevistados afirmaram que não possuem um local propício para seus estudos. A ausência de um ambiente calmo e adequado interfere na aprendizagem (SANTOS & ZABOROSKI 2020). Em seguida o item em termos de percentual de resposta é a dificuldade de acesso às aulas. Em seguida a tabela 2 mostra que 31% dos alunos entrevistados afirmaram que possuem dificuldade em conciliar agora as atividades domésticas com o estudo, fusão do espaço de estudo com atividades diárias requer uma melhor administração do tempo e organização das atividades a serem desenvolvidas. Dos discentes 31% têm problemas em conciliar seu estudo com a sua ocupação profissional.

Além disso, 28,6% dos indivíduos declararam que questões de saúde mental impactaram de forma negativa na sua atuação no ensino emergencial remoto. Brooks et al. (2020) aborda que como as medidas de distanciamento social provocam estresse, raiva, frustração, dentre outros; além de que as notícias ruins - em razão da pandemia - geram medo ou pânico. E tudo isso acaba trazendo impactos negativos na saúde mental; assim, o aluno com o psicológico abalado acaba não se saindo bem nos estudos. Outros fatores também foram identificados como: cuidado com algum familiar (16,7%), dificuldade quanto à utilização de ferramentas digitais como o SIGAA, google meet, dentre outros (11,9%) e questões de saúde (7,1%).

A universidade em preparação para emergencial remoto instituiu o auxílio emergencial de inclusão digital para discentes e docentes, com objetivo de garantir acesso ensino ao novo modelo. Então foram disponibilizados chips, com franquia de tráfego de dados

mensal de 30GB e 50GB, para todos os alunos matriculados em quaisquer cursos de graduação ou pós-graduação de todos campi, sendo necessário apenas fazer inscrição e a retirada do chip na universidade. Mesmo com essa política 66,7% dos discentes entrevistados responderam que não utilizavam o chip. Esse dado pode explicar o motivo de 47% dos respondentes relatarem dificuldade de acesso as aulas (questão 2). A causa disso pode ter sido falta de interesse, de informações ou perda do prazo de inscrição. No entanto, 33,3% utilizam o chip SIM CARD, no qual destes, 23,8% asseguram que a internet é boa, enquanto que 9,5% afirmam que não. Os que estão neste último caso, mesmo com o chip, acabam sendo prejudicados pela questão do acesso.

A próxima indagação foi se os alunos se sentem distantes dos professores durante o ensino emergência remoto e se eles conseguem esclarecer todas as suas dúvidas com os docentes. Neste item, 47,6% dos alunos entrevistados confirmaram que apesar de sentirem distantes do professor, conseguem esclarecer todas as suas dúvidas; 38,1% se sentem distantes do professor e também não conseguem esclarecer todas as dúvidas existentes; 11,9% não se sentem mais distantes do professor e conseguem esclarecer todas as dúvidas e, por fim, 2,4% não se sentem distantes do professor, mas não conseguem esclarecer todas as dúvidas existentes.

É interessante observar que dentre estes, 85,7% sentem essa distância com o docente. É importante que ocorra durante o aprendizado uma abordagem colaborativa, onde o professor é o mediador do conhecimento e o aluno é mais ativo (ANASTÁCIO, 2020), assim, trazendo um ambiente que permite uma troca e compartilhamento de informações, ainda que virtual.

Questionados sobre o aproveitamento do aulas, a maioria (90,5%) dos alunos está conseguindo absorver apenas parcialmente. É uma resposta que reafirma questões anteriores, onde os alunos revelaram dificuldades de adaptar ao novo formato por questões diversas, falta aproximação dos professores, a limitação de acesso as aulas. Além das questões de saúde, em especial saúde mental, trabalho ou trabalho doméstico, dentre outros fatores, que prejudicam na dedicação às aulas remotas.

Quando questionados sobre as metodologias utilizadas, dos respondentes 78,6% aprendem mais ao resolver exercícios e 59,5% lendo, 45,2% assistindo vídeos; 45,2% com estudos de casos; 42,9% debatendo com colegas (através de fóruns, etc.); 4,8% através de web gincanas ou aprendizagem baseada em jogos. Estas formas de ensino são características das metodologias ativas. Paiva et al. (2016) definem metodologias ativas como uma quebra do ensino tradicional, onde os alunos são estimulados a terem uma postura mais ativa e autônoma. Neste tipo de educação, o discente se torna protagonista, sendo colocado no centro do processo que envolve uma colaboração mútua entre professor-aluno (WEYH, NEHRING, WEYH, 2020). Considerando que no modelo remoto a atenção pode ficar mais dispersa, é necessária a aplicação de metodologias fáceis, intuitivas e diversificadas para conseguir manter o aluno focado na aula (CHAUHAN, 2017)

No entanto, as respostas revelam que 54,8% dos alunos entrevistados ainda se apoiam bastante nas aulas expositivas. As aulas expositivas, em sua ideia original, são características do método tradicional de ensino, onde os discentes assumem um papel passivo no aprendizado, apenas recebendo as informações transmitidas pelos docentes.

E isso pode ser um dos motivos da dificuldade na adaptação, uma vez que é preciso ter um comportamento autônomo nas aulas remotas. Da Silva (2017), afirma que as aulas expositivas podem ser mais participativas, isto é, se oferecer um ambiente dinâmico que possibilite o diálogo entre alunos e professores, estimulando o pensamento crítico dos primeiros. É por isso a importância de adotar uma abordagem colaborativa durante o ERE e, para isso, é essencial que as aulas expositivas sejam mais dialogadas, tornando o aprendizado bem mais eficiente. E esse tipo de aula - no ERE - depende muito da questão do acesso, uma vez que se a internet não estiver com uma qualidade ótima ou se não possui os equipamentos necessários, o aprendizado síncrono será prejudicado.

A última questão buscou saber se os alunos entrevistados gostariam de continuar estudando remotamente após a pandemia. E se observou que 66,7% dos alunos não gostariam, não é nenhuma surpresa se levar em conta os resultados desta pesquisa, onde se viu as dificuldades passadas por estes durante as aulas remotas e como esses desafios acabam afetando no aprendizado e rendimento. Porém, 33,3% dos discentes afirmaram que iriam gostar de continuar estudando remotamente na pós-pandemia.

O questionário aplicado aos docentes apresenta estrutura semelhante as dos discente para que seja possível fazer a análise comparativa. A tabela 3 apresenta o questionário aplicado com os respectivos percentuais de repostas.

A maioria dos docentes (63,6%) respondentes da pesquisa não tinham experiência com ensino não presencial, os demais 36,4% dos docentes relataram que já tinham tido a experiência de dar aulas de forma remota. Neste ponto é importante reforça que a experiência dos professores certamente está relacionada ao ensino a distância que apresenta diferenças em relação ao ensino emergencial remoto. O Ensino à Distância é uma metodologia bem planejada e complexa, com normas e teorias já estabelecidas (DE SOUZA et al.,2020).

Na percepção dos professores a maior dificuldade durante o trabalho remoto em sua residência foi “equilibrar a vida familiar com o trabalho” com 54,5%. Como já foi abordado, não há um limite claro entre as atividades laborais e a vida pessoal no trabalho remoto, sendo assim um desafio equilibrar estes dois, onde o tempo que deveria se dar à família acaba sendo utilizado para o trabalho (COSTA, 2013). Também é um problema a falta de um cômodo adequado para dar aulas (45,5%) e a conciliação com o trabalho doméstico (45,5%).

É essencial ter uma estrutura ergonômica para o trabalho remoto, já que sua ausência contribui para dores na coluna, tendinites e lesões por esforço repetitivo (TENÓRIO, 2021). E quanto à conciliação com o trabalho doméstico, há novamente o desafio de dividir o tempo, pois além das atividades laborais, se tem a demanda das atividades domésticas. Soma-se a esses fatores a dificuldade em conciliar a docência com a outra ocupação profissional (36,4%), uma vez que terá que dividir seu tempo e atenção para as respectivas ocupações. O que reflete também em carga excessiva de trabalho, e essa já é uma característica tida como desvantagem do trabalho remoto (COSTA, 2013) e já foi observado que 54,5% dos entrevistados realizam outras atividades laborais fora a docência.

Tabela 3: Questionário Docente

QUESTIONÁRIO DOCENTE	
Pergunta	% de resposta
1. Você já havia trabalhado com ensino não presencial antes da pandemia?	Não – 63,6% Sim – 36,4%
2. Você se sentia preparado (a) para realizar o trabalho remoto?	Não – 63,6% Sim – 36,4%
3. Quais foram as maiores dificuldades para o trabalho remoto em sua residência?	Equilibrar a vida familiar com o trabalho – 54,5% Falta de um cômodo adequado – 45,5% Conciliação com o trabalho doméstico – 45,5% Conciliação com outra ocupação profissional – 36,4% Dificuldade quanto a utilização de ferramentas digitais – 27,3% Saúde mental – 27,3% Aumento de despesas domésticas – 27,3% Questões de saúde – 9,1%
4. Quais foram as maiores dificuldades sentidas durante o ensino no ERE?	Distanciamento dos alunos – 81,8% Dificuldades em manter a atenção e motivação dos alunos – 72,7% Demasiado trabalho ou falta de tempo – 36,4% Preparação de material – 27,3% Alunos sem acesso – 18,2%
5. O que costuma ter em suas aulas no ERE?	Slides – 90,9% Uso de vídeos – 63,6% Discussões em grupo – 54,5% Estudo de Caso – 36,4% Resolução de exercícios – 36,4% Aprendizagem baseada em jogos – 27,3% Uso de padlet – 18,2% Uso de filmes – 18,2% Mural interativo – 9,1%
6. Você gostaria de continuar trabalhando remotamente após a pandemia?	Não – 54,5% Sim – 45,5%
7. Você considera o trabalho remoto como uma tendência para o futuro?	Sim – 90,9% Não – 9,1%

Fonte: Elaboração própria, com dados da pesquisa.

*A questão permitia assinalar mais de uma opção.

Os fatores “dificuldades quanto à utilização de ferramentas digitais (SIGAA, google meet, google classroom, dentre outros)” e “aumento de despesas domésticas”, tiveram uma porcentagem, cada um, de 27,3%. Há inclusive a questão do acesso (com 18,2%), pois nem sempre a internet estará em condições adequadas. Firmo (2020) afirma que no trabalho remoto pode ocorrer uma resistência ou dificuldades no uso de recursos tecnológicos, surgimento de problemas técnicos e o aumento de despesas. Ademais, 27,3% marcaram que tiveram problemas relacionados à saúde mental e 9,1% que tiveram problemas em relação à saúde. Após isso, se questionou quais foram as maiores dificuldades sentidas durante o ERE, para esta pergunta o entrevistado poderia marcar mais de uma opção, na qual, se viu que está sendo o distanciamento dos alunos (81,8%) e em manter a atenção e motivação dos alunos (72,7%). A falta do contato direto que existia durante as aulas presenciais entre aluno-professor resulta em uma diminuição do poder de fiscalização do docente, ocasionando, assim, baixa assiduidade nas aulas e desmotivação (Mendes et al,2020) e isso também implica no distanciamento dos discentes.

Para mais, 36,4% dos professores afirmaram que agora possuem uma carga maior de trabalho e falta de tempo. E esse último está relacionado com o fato de alguns precisarem conciliar o trabalho remoto com a vida pessoal, atividades domésticas e outras ocupações laborais, além disso, o excesso de trabalho é uma desvantagem do trabalho remoto (COSTA, 2013), pois ocorre um aumento das exigências e da carga de trabalho.

E no que se refere à preparação de material, 27,3% dos docentes confirmaram que possuem dificuldades nisso no ERE. Essa situação pode ser explicada pela necessidade do professor se reinventar e trazer formas de aprendizagem bem diferenciadas (BLIKSTEIN et al, 2020), com o intuito de prender a atenção do aluno e fazer com que o assunto seja de fato compreendido. É observado que 18,2% tiveram dificuldades quanto a alunos sem acesso, pois, como foi visto no gráfico 01 no questionário discente, 47,6% dos alunos têm problemas com a questão do acesso.

Em relação as metodologias utilizadas no ensino emergencial remoto, 90,9% dos docentes revelaram que utilizam slides; 63,6% dos entrevistados declararam que usam vídeos também, 54,5% estimulam discussões em grupos; 36,4% aplicam estudos de casos, 36,4% estimulam a resolução de exercícios, 27,3% realizam webgincanas ou adaptam o conteúdo em forma de jogos, além disso, 18,2% utiliza padlet, 18,2% utiliza filmes e, por fim, 9,1% mural interativo. Metodologias didáticas e inovações metodológicas do ensino são de relevância nesse contexto virtual, uma vez que, a centralização não se encontra em agentes educacionais, mas sim no conhecimento historicamente produzido e na complexidade da compreensão humana (ALVES; TEO, 2020).

Foi perguntado aos docentes se estes gostariam de continuar trabalhando de forma remota após a pandemia. Onde 45,5% afirmaram que sim, enquanto que 54,5% disseram que não. Muito provavelmente os que gostariam de continuar dando aulas de forma remota devem ter sopesado as vantagens e desvantagens e concluído que vale a pena. Uma vez que, segundo Rafalski e Andrade (p. 435, 2015) e Dos Santos et al. (p. 102, 2021), há vantagens no trabalho remoto como: a otimização do tempo (a importância de se ter um bom planejamento e organização) e flexibilização no horário, aumento da produtividade, fora a diminuição de deslocamentos e do estresse causado pelo trânsito, custos que se poderia ter com transporte, combustível ou estacionamento e uma melhor qualidade de vida. Dessa forma, é observado que apesar dos apesares, se tem benefícios no trabalho remoto.

E, finalmente, a última pergunta procurou saber se os docentes acreditavam que o trabalho remoto é uma tendência para o futuro, onde 90,9% acreditam que sim. De acordo com Jordão (p.197, 2020), “os impactos trazidos pela pandemia (...) funcionaram como catalisador para tendências que ainda se encontravam incipientes no mundo corporativo”. Dessa forma, o trabalho remoto que crescia de forma gradual e era visto por muitas empresas como um plano longínquo no mundo pré-pandemia, acabou sendo adotado por inúmeras instituições em decorrência das consequências da pandemia, o que pode resultar em um maior protagonismo desse método de trabalho quando a COVID-19, enfim, tiver controlada.

Perante o que foi exposto, é possível realizar um estudo comparativo de alguns dados obtidos entre os questionários de docentes e discentes. Para ambos os grupos, foi feita a pergunta sobre quais foram as principais dificuldades que afetaram o ERE; com algumas mudanças para se adequar ao contexto dos discentes (fatores que impactaram de forma negativa na dedicação deles nas aulas remotas) e ao dos docentes (dificuldades sentidas ao realizar o trabalho remoto em sua residência).

Enquanto os alunos apontam que o principal desafio foi a adaptação ao novo formato, os docentes (63,6%) revelam que também não se sentiam preparados para o trabalho remoto. Os maiores desafios para os docentes durante a experiência do trabalho remoto foi equilibrar a vida familiar com o trabalho (54,5%). Assim como os discentes (52,4%) os docentes (45,5%) apontaram a falta de um cômodo adequado em casa como um entrave, conciliação com o trabalho doméstico foi outro ponto que teve percentual significativo tanto nas repostas dos docentes (45,5%) quanto nas dos discente (31%), no caso dos professores é acrescida a conciliação com outras atividades profissionais (36,4%).

No que refere à questão do acesso, é visto que 47,6% dos alunos possuem problemas de acesso – uma porcentagem bem alta – e no que tange aos professores, a porcentagem é de 18,2%. Isso pode ser explicado por todos os professores exercerem atividades remuneradas, e uns possuem até outra ocupação além da docência. Assim, a maioria, como se pode analisar, tem condições de ter um melhor acesso à internet. Ademais, apenas para o questionário dos docentes, teve a alternativa de aumento de despesas, em que a minoria (27,3%) se sentiu prejudicada.

Tanto os docentes quanto os discentes apontaram o distanciamento na relação professor /aluno como uma dificuldade no ensino emergencial remoto. A falta de presencialidade impacta diretamente na motivação atenção e motivação dos alunos os fatores que aparece com 72,7% nos questionários. Dados que se conectam com o fato de que 47,6% dos alunos entrevistados se sentem distantes do professor e 90,5% absorvem parcialmente o conteúdo.

Com relação as metodologias aplicadas, 36,4% dos professores costumam utilizar a resolução de exercícios, por outro lado a maioria dos discentes (78,6%) afirmou que aprendem mais por meio disso. No ensino remoto o uso dos slides principal instrumento das aulas expositivas, 90,9% dos entrevistados marcaram o uso do slide. Estas aulas expositivas devem ser realizadas de forma colaborativa, onde o docente é o mediador de informação. Outra que se deve aumentar o uso pelos docentes são os estudos de caso, uma vez que se observa que 45,2% dos alunos aprendem mais através disto e apenas 36,4% dos professores costumam utilizar em suas aulas. Fora isso, 63,6% dos docentes usam vídeos e 54,5% realizam discussões em grupo, o que é muito bom, já que, respectivamente, 45,2% e 42,9% dos alunos afirmaram que aprendem mais através destes.

Ademais, 27,3% dos professores realizam webgincanas, método de ensino contemplado por 4,8% dos alunos. Apenas para o questionário dos discentes, 14,3% concordaram que aprendem mais por meio de aulas pré-gravadas. Além do que, por meio do questionário docente, se observa que 18,2% dos professores utilizam filmes e padlet, e 9,1% usa

mural interativo, técnicas de metodologias ativas. De acordo com o que já foi comentado, é essencial que o professor busque se reinventar no ensino remoto.

Por fim, foi questionado para os discentes se estes gostariam de continuar estudando remotamente e, para os docentes, se gostariam de continuar trabalhando remotamente após a pandemia. A grande maioria dos alunos (66,7%) afirmou que não, e a razão disso deve ser por nem todos os estudantes terem condições adequadas para essa forma de ensino. Já em relação aos professores, 54,5% não gostariam de continuar trabalhando remotamente, mas 45,5% afirmaram que gostariam sim. Apesar das desvantagens do trabalho remoto, existem vantagens de se trabalhar dessa forma.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia fez emergir problemas antigos da educação brasileira. A desigualdade de acessos a recursos tecnológicos, dificuldades de manuseio desses recursos, a falta de infraestrutura em casa para acomodar todo processo de ensino, necessidade dos alunos de terem o professor mais próximo para a condução do processo, dificuldade de organização do tempo de estudo. Se por um lado os problemas revelam as desigualdades existentes no contexto socioeconômico, por outro revela que uma educação ainda está enraizada no modelo tradicional de ensino, no qual o professor conduz todo o processo. A crise sanitária expôs e reafirmou que não deve ocorrer a separação entre as tecnologias e a educação contemporânea (FAVERO; FERREIRA; GOIS, 2020).

A pesquisa mostra que o ensino emergencial remoto foi desafio tanto para os professores quanto para os alunos. A grande maioria dos alunos relataram dificuldades em se adaptar ao novo formato, o que impacta diretamente na absorção do conteúdo. E acaba influenciando no trabalho do docente. Visto que estes possuem o desafio de realizar aulas que prendam e motivam os discentes, apesar do contato virtual, e a maioria tem esse tipo de dificuldade. Além disso, se viu formas de ensino que os alunos acreditam aprender mais durante o ERE, com o objetivo de relacionar com as práticas utilizadas pelos professores e, assim, verificar se ambos estão seguindo uma mesma linha. Os resultados deste estudo poderão servir de base para melhorar conteúdos, a disposição dos assuntos e o uso de tecnologias adicionais visando aperfeiçoar o aprendizado discente neste formato de ensino.

REFERÊNCIAS

ANASTACIO, Liliane Rezende. APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL. SENPE-Seminário Nacional de Pesquisa em Educação (ISSN 2675-8970), v. 3, n. 1, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (ABED). Censo EAD.BR: relatório analítico da aprendizagem à distância no Brasil 2019/2020. Curitiba: InterSaberes, 2021. Disponível em: http://abed.org.br/arquivos/CENSO_EAD_2019_PORTUGUES.pdf. Acesso em: 9 de junho de 2021.

BRASIL. Decreto n. 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 mai. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm. Acesso em: 8 de jun. de 2021.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 de dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 25 de jun. 2021.

_____. Ministério da Saúde declara transmissão comunitária nacional. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-saude-declara-transmissao-comunitaria-nacional>. Acesso em: 2 de junho de 2021

_____. Ministério da Saúde declara transmissão. Sobre a Doença: O que é COVID-19?. Brasília, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 15 de março de 2021.

BRITISH Broadcasting Corporation (site). News. Brasil. O que é pandemia e o que muda com declaração da OMS sobre o novo coronavírus. British Broadcasting Corporation, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51363153>. Acesso em: 12 de março de 2021.

BROOKS, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The Lancet*, 395(10227), 912-920. [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8).

CHEN, Peijie et al. Coronavirus disease (COVID-19): The need to maintain regular physical activity while taking precautions. *Journal of sport and health science*, v. 9, n. 2, p. 103, 2020.

CHANG, Lu Gwang-Chol; YANO, Satoko. What are the financial implications of the coronavirus for education? Three ways to plan for equity during the coronavirus school closures → How are countries addressing the Covid-19 challenges in education? A snapshot of policy measures: *World EducaSciELO Preprints*. UNESCO, 2020. Disponível em: . Acesso em: 10 jun. 2021

COQUEIRO, Naiara Porto da Silva; SOUSA, Erivan Coqueiro. A educação a distância (EAD) e o ensino remoto emergencial (ERE) em tempos de Pandemia da Covid 19. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 7, p. 66061-66075, 2021.

COSTA, I. S. A. Controle em novas formas de trabalho: teletrabalhadores e o discurso do empreendedorismo de si. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 462-474, 2013.

COSTA, Roberta et al. ENSINO DE ENFERMAGEM EM TEMPOS DE COVID-19: COMO SE REINVENTAR NESSE CONTEXTO?. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 29, 2020.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 19 de jul. de 2021.

DA SILVA, Mirian Jesus. ABORDAGENS TRADICIONAL E ATIVA: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA A PARTIR DA VIVÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM DOCÊNCIA. PUCPR. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23074_12729.pdf. 2017.

DA SILVA, Antônio Rafael; MOREIRA, João Padilha. INFRASTRUTURA HOME OFFICE. SEMINÁRIO DE TECNOLOGIA GESTÃO E EDUCAÇÃO, v. 2, n. 2, 2020.

DE SOUZA, Carla Aparecida Nunes et al. ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO ESTADO DO PARANÁ. In: Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online. 2020.

DE SOUZA, Dominique Guimarães; MIRANDA, Jean Carlos. Desafios da implementação do ensino remoto. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 4, n. 11, p. 81-89, 2020.

DOS SANTOS, Guilherme Mendes Tomaz; DOS REIS, Júlio Paulo Cabral. COMPROMETIMENTO DO ESTUDANTE COM A SUA APRENDIZAGEM E O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: REFLEXÕES EM TEMPOS DE COVID-19. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 5, n. 13, p. 10-26, 2021

DOS SANTOS, Dayane Oliveira et al. Os desafios enfrentados pelos docentes no processo de introdução do Home Office na instituição de ensino superior UNIFAMA. *Nativa—Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso*, v. 9, n. 1, 2021.

FIRMO, Maria Vanusa. Card 18-DIFICULDADES COM A INTERNET E O TRABALHO HOME OFFICE. 2020.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo. Atlas. 1991.

GUSSO, H. et al. Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. *Educ. Soc. Campinas*, v.41, e238957, 2020.

HISLOP, D. et al. Variability in the use of mobile ICTs by homeworkers and its consequences for boundary management and social isolation. *Information and Organization*, v. 25, n. 4, p. 222-232, 2015.

HODGES, C. (et al). The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. *EDUCAUSE Review*, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn3>. Acesso em: 12 de março de 2021.

HWANG, Tzung-Jeng et al. Loneliness and social isolation during the COVID-19 pandemic. *International psychogeriatrics*, v. 32, n. 10, p. 1217-1220, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf. Acesso em: 9 de junho de 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo da Educação Superior 2019. Brasília-DF: MEC, 2020. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf. Acesso em: 8 de junho de 2021.

JORDÃO, Rafaela Garcia de Santana Rodrigues. Os impactos da crise e o crescente protagonismo do trabalho remoto no mundo pós-coronavírus. Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região, v. 24, n. 1, p. 197-206, 2020.

KOZYREFF, A. M.; BEGA, M. F. A garantia da saúde mental do trabalhador como eficácia do direito fundamental do trabalho em tempo de pandemia. In. Revista do TST: São Paulo, vol.86, n.3, jul/set, 2020.

FAVERO, Michelle; FERREIRA, Thais de Jesus; GOIS, Antonio Luiz Almeida. Ensino Superior em Saúde em tempos de Pandemia: reflexões emergentes. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 10, p. 79345-79353, 2020.

_____. Secretaria de Educação. UEMASUL inicia a entrega de chips para estudantes e professores. Disponível em: <<https://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/?p=284587>>. Maranhão, 2020. Acesso em: 16 de ago. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Gabinete do Ministro. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Brasília, 2020. Acesso em: 18 de jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Statement on the second meeting of the International Health Regulations (2005) Emergency Committee regarding the outbreak of novel coronavirus (2019-nCoV). Disponível em: [https://www.who.int/news/item/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/news/item/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-(2019-ncov)). Acesso em: 8 mar. 2021

PAIVA, Marlla Rúbya Ferreira et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa. SANARE-Revista de Políticas Públicas, v. 15, n. 2, 2016.

RAFALSKI, Julia Carolina; ANDRADE, Alexsandro Luiz De. Home-office: aspectos exploratórios do trabalho a partir de casa. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 23, n. 2, p. 431-441, jun. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 jul. 2021.

RICHARDSON, R. (coord.) et al. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

SANTOS, Jamilly Rosa; ZABOROSKI, Elisângela. Ensino Remoto e Pandemia de CoViD-19: Desafios e oportunidades de alunos e professores. Interações, v. 16, n. 55, p. 41-57, 2020.

SENHORAS, Eloi Martins. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 2, n. 5, p. 128-136, 2020.

SILVEIRA, Ana Paula; PICCIRILLI, Giovanna Maria Recco; OLIVEIRA, Maria Eduarda. OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19. Revista Eletrônica da Educação, v. 3, n. 1, p. 114-127, 2020.

TENÓRIO, Ricardo Jorge Medeiros. A saúde mental e ergonômica no trabalho remoto no pós-pandemia. Revista Espaço Acadêmico, v. 20, p. 96-105, 2021.

UEMASUL. A História da UEMASUL.. 2017. Disponível em: <<https://www.uemasul.edu.br/portal/institucional/a-uemasul/>>. Acesso em: 29 de março de 2021.

_____. CONSUN aprova normas para o ensino emergencial remoto. Disponível em: <<https://www.uemasul.edu.br/portal/novo-calendario-academico-da-uemasul-retoma-o-semester-2020-1-e-inicia-o-semester-letivo-2020-2/>>. Acesso em: 16 de ago. de 2021.

VIEIRA, Kelmara Mendes et al. Vida de estudante durante a pandemia: isolamento social, ensino remoto e satisfação com a vida. EaD em Foco, v. 10, n. 3, 2020

WEYH, Laís Francine; NEHRING, Cátia Maria; WEYH, Cênio Back. A educação problematizadora de Paulo Freire no processo de ensino-aprendizagem com as novas tecnologias. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 7, p. 44497-44507, 2020.